

Ex-Ministro elogia acordo

Para o ex-Ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen, o México pode dar aula sobre negociação da dívida externa. Os mexicanos fizeram um acordo com o FMI, conseguiram equilibrar a economia e contabilizar reservas de US\$ 15 bilhões, pagam os **spreads** mais baixos do mercado, de 0,8125 sobre a **Libor** (taxa interbancária de Londres) e conseguiram cláusulas de contingência, caso a economia cresça pouco.

Esta era uma das propostas que Bresser queria incluir no pacote de renegociação da dívida, mas que nem chegou a ser levada a sério pelos credores. De acordo com Simonsen, a recessão mexicana não está atrelada ao acordo com o FMI, mas a queda do preço do petróleo. "E o Brasil?", pergunta Simonsen.

— O Brasil — responde ele mesmo — declarou-se falido, entrou em moratória em fevereiro, movido por uma hipochondria nacional (a seu ver este é o maior impasse para este acordo) e depois conseguiu superávits de US\$ 11 bilhões. Que falência é es-

sa? No meio tempo, pagou-se a dívida barata com o FMI, Clube de Paris, Bird e Bid, perdeu linhas de crédito de curto prazo e as que restaram tornaram-se mais caras. Esta hipochondria custou US\$ 1 bilhão de **spreads**, comparados às **taxs** obtidas pelo México — explicou.

Os dois economistas discordam quanto aos impasses para um acerto definitivo. Para Bacha, o principal motivo reside no fato de que o Governo do Presidente Sarney está no fim, e isso aumenta a insegurança dos credores quanto à continuidade das metas traçadas pela atual equipe econômica. Já o professor Mário Henrique Simonsen não vê nisso nenhuma dificuldade e aponta a falta de um programa consistente que recolocasse a economia do País nos trilhos como o maior impedimento para um acordo mais longo.

Cada um com seu motivo, o fato é que os dois acreditam que na melhor das hipóteses, os credores vão fazer mais um acordo provisório para cobrir as necessidades deste ano, e isso com altos **spreads** (taxa de risco).